



Revista Brasileira de História das Religiões

ISSN
1983-2850

VOLUME 18 | NÚMERO 52 | JANEIRO-ABRIL 2025

ARTIGOS LIVRES

 <https://doi.org/10.18764/1983-2850v18n52e25864>

Usos da memória no movimento espírita cearense: a disputa pelos eventos fundadores entre as federativas FEEC e USEECE, séculos XX e XXI

Marcos José Diniz Silva

Doutor em Sociologia (UFC). Professor
associado da Universidade Estadual do
Ceará.

 <http://lattes.cnpq.br/3213076465617551>

 <https://orcid.org/0000-0002-3366-8969>

 marcos.diniz@uece.br

RECEBIDO | 21 fev. 2025 – APROVADO | 2 abr. 2025



Resumo: Este artigo tem por objetivo a análise do processo de disputas de memória no movimento espírita cearense, envolvendo produções intelectuais das duas federativas atuantes a partir da década de 1990. Especificamente, o estudo vislumbra uma disputa pelos marcos originais do movimento federativo cearense nas duas entidades - Federação Espírita do Estado do Ceará (1990) e União das Sociedades Espíritas do Estado do Ceará (1993) - a partir das construções memorialísticas de ambas, tomando como referenciais temporais distintos as fundações do Centro Espírita Cearense (1910) e do Grupo Espírita Auxiliadores do Pobres 1928), respectivamente, em suas produções de caráter memorial-histórico publicadas em livros, revistas, sites e canais da internet. Discute-se as recomposições, ou trabalhos de enquadramento das memórias dos grupos em seus projetos identitários e de legitimação política no movimento espírita local e nacional.

Palavras-chave: história; memória; identidade; movimento espírita; Ceará.

Uses of memory in the spiritist movement in Ceará: the dispute over the founding events between the federatives FEEC and USEECE, 20th and 21st centuries

Abstract: This article aims to analyze the process of memory disputes in the spiritist movement in Ceará, involving intellectual productions from the two federatives active from the 1990s onwards. Specifically, the study envisages a dispute over the original landmarks of the federative movement in Ceará in the two entities - Spiritist Federation of the State of Ceará (1990) and Union of Spiritist Societies of the State of Ceará (1993) - based on the memorial constructions of both, taking as distinct temporal references the foundations of the Centro Espírita Cearense (1910) and the Grupo Espírita Auxiliadores do Pobres 1928), respectively, in their memorial-historical productions published in books, magazines, websites and internet channels. The recompositions, or framing work of the groups' memories in their identity projects and political legitimation in the local and national spiritist movement are discussed.

Keywords: history; memory; identity; spiritist movement; Ceará.

Usos de la memoria en el movimiento espírita en Ceará: la disputa por los hechos fundacionales entre las federativas FEEC y USEECE, siglos XX y XXI

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar el proceso de disputas de memoria en el movimiento espírita de Ceará, involucrando producciones intelectuales de las dos federaciones activas a partir de la década de 1990. Especificamente, el estudio prevé una disputa sobre los hitos originales del movimiento federativo de Ceará en las dos entidades - Federación Espírita del Estado de Ceará (1990) y Unión de Sociedades Espíritas del Estado de Ceará (1993) - a partir de las construcciones conmemorativas de ambos, tomando como referencias temporales distintas las fundaciones del Centro Espírita Cearense (1910) y del Grupo Espírita Auxiliadores do Pobres 1928), respectivamente, en sus producciones histórico-memoriales publicadas en libros, revistas, sitios web y canales de internet. Se discuten las recomposiciones, o trabajos de encuadre, de las memorias de los grupos en sus proyectos identitarios y la legitimación política en el movimiento espírita local y nacional.

Palabras clave: historia; memoria; identidad; movimiento espírita; Ceará.

Tensões ocultas da memória espírita

A pesquisa histórica sobre o Espiritismo no Brasil, de caráter acadêmico, permite perceber uma característica recorrente nos escritos/fontes produzidos pelos autores espíritas – especialmente quando se originam de grupos dirigentes –, que é a tendência à omissão ou a utilização de termos codificados – “professor T.” (Abreu, 1991, p. 26)¹ – para expressar suas lutas internas, disputas acirradas, cisões, ou mesmo a simples presença de oposição institucional, de tal forma que o processo histórico do movimento espírita, entendido como expansão organizacional resultante da formação de diferentes grupos de interpretação e prática dos preceitos doutrinários, obscurece a dinâmica das diferenças e lutas entre os segmentos envolvidos, dando a entender que prevalece a unidade e o domínio único de uma linha de pensamento desde as origens. Ou seja, é a negação da historicidade do seu projeto religioso, e a consequente idealização de sua existência como resultado da intervenção divina, ou Espiritualidade, num sentido único, seguindo a tradição cristã, numa temporalidade preparatória da eternidade (Manoel, 2008).

No caso específico deste trabalho, essas características tem sido observadas em trabalhos sobre a história do Espiritismo no Ceará, da lavra de autores espíritas, nas últimas três décadas, como se pode constatar num autor cearense bastante produtivo, Luciano Klein Filho (1964 -).² Em sua obra pioneira, a coletânea de biografias de espíritas cearenses, intitulada *Memórias do Espiritismo no Ceará* (2000), vê-se os casos de biografados como José Borges dos Santos, Antônio Izaias de Jesus, Manoel Coelho da Silva, José Feliciano da Silva e Euclides Vasconcelos César, para citar alguns, que atuaram em instituições espíritas concorrentes como a Federação Espírita Cearense (1931) e Confederação Espírita Cearense (1939), nas décadas de 1920, 1930 e 1940, fundando centros espíritas vinculados a um e outro lado, sem que o autor explique do que se tratava, como também não apresenta as instituições como concorrentes, como são conhecidas através de outras fontes.

Muito embora seja respeitável a opinião do autor quando diz, na Introdução, que “tivemos como intuito principal homenagear os valorosos companheiros de ideal” (Klein Filho, 2000, p.15), é preciso lembrar que a sua obra extrapolou o meio espírita e se transformou em fonte histórica, e tal realidade empírica inspira e recomenda a investigação histórica no terreno dos usos da memória como recurso fundamental para construção e consolidação das identidades individuais e grupais (Candau, 2016).

Nesse sentido, o debate sobre as relações entre história e memória já produziu substanciais reflexões nas últimas décadas, continuando a ser central no fazer historiográfico à medida que os historiadores reconhecem que, para além da importância da memória para os trabalhos em História Oral ou produção de fontes orais, nossas fontes de pesquisa manuscritas, impressas,

¹ Uma resposta a essa conduta frente a atuação do líder espírita professor Toteroli, pode ser vista no trabalho de disputa de memória no campo espírita através da obra de Ribeiro Junior (2022).

² Luciano Pinheiro Klein Filho é natural de Fortaleza-Ce, nascido em 2 de fevereiro de 1964. É bacharel em Administração e licenciado em História pela Universidade Estadual do Ceará. É professor de História do Colégio Militar de Fortaleza, e sócio efetivo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), desde março de 2015. É membro fundador da FEEC e tem atuado tanto na administração da entidade e no campo da pesquisa e publicação de diversas obras sobre o Espiritismo no Ceará, especialmente de caráter biográfico, como *Palavras de Vianna de Carvalho* (1995), *Vianna de Carvalho. O tribuno de Icó* (1999), *Memórias do espiritismo no Ceará* (2000), *Bezerra de Menezes: fatos e documentos* (2000), *Bezerra de Menezes: o homem, seu tempo e sua missão* (2021). Também é fundador do Centro de Documentação Espírita do Ceará, e das publicações dos periódicos *Ceará Espírita* (1991), *Fortaleza Espírita* (1996-1997), *Gazeta Espírita* (1999).

periódicas, iconográficas, os espaços, os monumentos e as coisas... estarão sempre, consciente ou inconscientemente, amalgamadas com o trabalho da memória nos papéis/funções, enquadramentos, seletividades, disputas, silêncios, lembrança/esquecimento, ancorando projetos identitários - individuais, grupais e institucionais - e nos discursos legitimadores. (Halbwachs, 1990; Le Goff, 1992; Nora, 1993, 2029; Pollak, 1989, 1992; Bresciani; Naxara, 2004; Ricoeur, 2007; Sarlo, 2007; Assmann, 2011). Ou, de modo mais direto, reafirma-se aqui a compreensão de Joutard (2007), para quem “o trabalho - e também o dever - do historiador é fazer da memória um objeto da história para expor o seu caráter construído, revelando as suas fraquezas e a sua instrumentalização” (p. 231).

E assim, observando a história do Espiritismo no Ceará a partir dos empreendimentos memorialísticos dos dois atuais grupos e suas respectivas instituições federativas – Federação Espírita do Estado do Ceará (FEEC) de 1990, e União das Sociedades Espíritas do Estado do Ceará (USEECE) de 1993 – sobre seu passado/origens nos últimos cem anos, nota-se uma disputa permanente mas quase nunca explícita, uma elaboração e reelaboração constante dos seus patrimônios memoriais em vista da construção e consolidação de identidades e legitimações no seu campo religioso. Nesse caso, o problema central não reside tanto na disputa pela definição de Espiritismo e de suas práticas, ou polêmicas doutrinárias, mas na disputa pelas origens daquela que seria a verdadeira “Casa Mater do Espiritismo Alencarino” - ou seja, cearense - a instituição espírita que teria sido a matriz do movimento organizativo ou federativo cearense entre as décadas de 1910 ou 1920, a repercutirem na atualidade dessas duas denominações.

A memória da construção federativa na União Espírita Cearense

No ano de 1977, a edição de julho de *A Voz do Alto*³, órgão de divulgação da União Espírita Cearense (UEC), traz como tema central uma efeméride: “1927 EDIÇÃO ESPECIAL DO CINQUENTENÁRIO 1977”. Na capa, a manchete única: “50 ANOS DE LIDERANÇA DOCTRINÁRIA NO ESPIRITISMO DO CEARÁ”. A edição comemorativa apresenta um conjunto de matérias, documentos, imagens, relatórios, editorial, discursos, eventos e outros elementos sobre a atuação daquela entidade federativa do Espiritismo cearense, filiada à Federação Espírita Brasileira (FEB)⁴, informando e trabalhando seu projeto de legitimação permanente frente às oposições locais presentes desde a criação UEC em 1951, a partir das negociações do Pacto Aureo⁵ no Ceará.

³ O jornal espírita *A Voz do Alto* (AVA) é de propriedade da União das Sociedades Espíritas do Estado do Ceará, não sendo disponibilizado ao público; tendo sido liberados alguns números esparsos (1948, 1956, 1965, 1977, 1979) em publicações de caráter histórico da entidade na internet. Teve sua primeira edição em 1 de março de 1948, como órgão oficial da Confederação Espírita do Estado do Ceará, em Fortaleza, tendo como diretor Antônio Izaias de Jesus e como diretor comercial José Borges dos Santos. Era quinzenal e vendido, contando com assinaturas anual e semestral. Não havia publicidade, nem informação sobre tiragem. A partir de 1951, passa a ser o órgão oficial da recém fundada União Espírita Cearense.

⁴ A Federação Espírita Brasileira (FEB), é, atualmente, a maior entidade organizadora do espiritismo brasileiro, tendo sido fundada no Rio de Janeiro, em 2 de janeiro de 1884, por um grupo de espíritas liderados por nomes como Augusto Elias da Silva, Torteroli, Ewerton Quadros, dentre outros. Seu objetivo principal era a propaganda espírita, tendo, depois, se direcionado para o terreno organizativo e federativo, em oposição a uma entidade anterior e pioneira na organização, o Centro da União Espírita no Brasil, fundado em 1880

⁵ Diz respeito a um pacto de unificação do movimento espírita brasileiro, assinado em 5 de outubro de 1949, entre a FEB, a Liga Espírita do Brasil e diversas federativas estaduais, instituindo o Conselho Federativo Nacional, na

Nessa edição do *A Voz do Alto* (AVA) destaca-se, logo de entrada, o ancoramento memorial da entidade ao perfazer uma linha de unidade e permanência que ligaria o que seriam os primórdios do movimento federativo e unificador do “espiritismo alencarino” com a UEC, tendo como base a fundação do Grupo Espírita Auxiliadores dos Pobres (GEAP), em 1928, em Fortaleza, por um grupo de espíritas, dos quais se destacaria naqueles anos e seguintes a liderança de José Borges dos Santos, presidente da UEC naquele momento, e seria o pai de Orlando Borges dos Santos, o fundador da USEECE.

Numa matéria sob o título “HISTÓRICO”, apresenta-se a movimentação de José Borges e companheiros como Joaquim Manoel de Carvalho, Antônio Alves Linhares, Mário Ciarlini, Manduca Coelho, Secundino Ferreira Passos, dentre outros, em caravanas pela cidade, fundando centros espíritas naqueles finais dos anos de 1920. Depois da fundação de diversas casas espíritas - em sua maioria oriundas de grupos familiares -, lideranças como José Borges dos Santos, Manoel Felix de Moura Amazonas, José Felício da Costa Filho, Manoel Coelho da Silva, decidiram fundar o GEAP em 26 de julho de 1928, “aquele que mais tarde se tornaria a Casa Mater do Espiritismo Alencarino, a Gloriosa União Espírita Cearense” (*A Voz do Alto*, 1977, p. 3).

Aqui, é oportuno lembrar o ensinamento de Pollak (1992), de que “a *memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade* (...) do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.” (p. 5. Grifo do autor). Nesse caso, as lideranças da UEC, em 1977, constroem em seu órgão oficial de divulgação uma linha contínua entre um determinado grupo espírita, criado há cinquenta anos, com o seu presente por uma via teleológica que pressupõe que a semente daquele presente já estava plantada naquela entidade, realçando o “sentimento de continuidade e de coerência”. O momento era diverso do inicial, os adversários eram outros, e requeria novo enquadramento da memória para a solidificação da identidade do grupo.

Nesse mesmo texto, o órgão da UEC intercala uma observação importante para a sustentação do seu projeto presente (1977) de continuidade da instituição federativa, quando informa sobre o papel que o GEAP desempenhou na criação de outros centros espíritas na capital e no interior do estado, tornando-se um núcleo irradiador, organizador e unificador do Espiritismo no Ceará, razão pela qual, nos termos do jornal: “os que partilhavam das reuniões do G. E. Auxiliadores dos Pobres, representando Centros Espíritas, acharam por bem advogar que o órgão federativo fosse o seu Centro” (*A Voz do Alto*, 1977, p. 4). Pois havia uma representação da FEB no Ceará, que era o Centro Espírita Cearense, de 1910.

Não é casual que a “Cronologia” da USEECE, na internet, mencione a fundação da Liga Espírita do Brasil, em 1926, como oposição à FEB, a qual o grupo se ligaria mais adiante: “**1926 - A Liga Espírita do Brasil** é fundada em 31 de março por **Aurino Barbosa Souto**, visando congregar as entidades espíritas a nível nacional, como alternativa à Federação Espírita Brasileira.” (Santos, 2013. Grifo do autor)⁶. É um acontecimento do campo espírita não considerado nas produções do grupo da FEEC, pois traz memória de um tensionamento que questiona seu projeto de legitimidade histórica local.

FEB, dentre outras coisas, pondo fim à maior parte das oposições à FEB e assegurando sua hegemonia no movimento espírita brasileiro.

⁶ Disponível em: <https://useece.blogspot.com/2013/01/os-anos-20-decada-do-geap.html>. Acesso em: 23 nov. 2024 (Grifos do autor)

O debate e as disputas institucionais pela liderança do movimento de unificação no campo espírita brasileiro atravessam as últimas décadas do século XIX e primeira metade do XX, despontando a pioneira atuação do Centro da União Espírita de Propaganda do Brasil (1881) e a Federação Espírita Brasileira (1884), nas quais se enfrentaram como lideranças incontestáveis Angelli Torterolli e Bezerra de Meneses. (Amorim, 2017; Arribas, 2017; Marques, 2019)

Apesar das imensas dificuldades de inserção e consolidação do Espiritismo no Brasil, pela oposição do catolicismo e perseguições policiais (Código Penal de 1890), aquele encontrou terreno fértil entre a elite letrada, positivista e cientificista no primeiro momento, bem como nas camadas populares após sua disseminação com trabalhos assistenciais e práticas mediúnicas curativas. (Damazio, 1994; Giumbelli, 1997; Aubree; Laplantine, 2009)

No entanto, as divergências doutrinárias e de unidade de um movimento espírita nacional sempre estiveram presentes, como denotado anteriormente na justificativa deste trabalho. Desse modo, para além das dificuldades materiais, das distancias nacionais e dos altos índices de analfabetismo do país – para uma doutrina do livro –, as oposições entre correntes puristas, laicizantes, cientificistas e positivistas – “científicos”, de um lado, e correntes religiosas, de profunda marca católica – “místicos”, acabaram por opor os seguidores da doutrina espírita no Brasil.

A construção da hegemonia na unificação do movimento espírita brasileiro pela FEB, deu-se a partir de uma interpretação e prática espírita de cunho fortemente cristão, configurando um Espiritismo religioso. Contudo, correntes defensora de um Espiritismo laico nunca deixaram de existir em oposição ao comando febianos, além das disputas comuns de espaços de poder nos centros e federações, comuns a todas as formas de organização social.

Nas três primeiras décadas do século XX, a disputa alcaçaria seu ponto de maior tensão, conforme sintetiza Arribas (2017)

O tema da unificação parece um espectro a rondar o movimento espírita. Desde seus primeiros passos, os espíritas clamam e pelejam por sua unificação ou, em outros termos, por uma centralização ao mesmo tempo institucional, teórica e prática. E tanto mais curiosa é essa particularidade quanto mais percebemos que o que dá unidade aos espíritas são justamente as lutas incessantes por sua unificação, lutas que buscavam solucionar, internamente, as posições divergentes e conflitantes e, externamente, fazer frente a outras vertentes religiosas, sobretudo as de matriz africana e ao catolicismo, além de responder às pressões exercidas pelas redefinições em curso das relações entre Estado e religiões, mais especificamente a política repressora do Estado, consignada por meio de artigos incluídos no Código Penal de 1890, que instituiu a perseguição policial a práticas correntes no campo mediúnico, em especial aquelas definidas como curandeirismo e charlatanismo. (p. 152)

O Centro Espírita Cearense e a expansão do Espiritismo

Em Fortaleza, o Centro Espírita Cearense (CEC), fundado em 1910, era a entidade representativa da FEB no Ceará, desde sua fundação. Porém, importa informar que as origens mais distantes da presença espírita no Ceará, no sentido organizacional, encontram-se nos últimos anos do século XIX, quando:

Em 1897 surgiu, em Fortaleza, o Grupo Espírita Fé e Caridade, pela iniciativa do carioca Luiz de França de Almeida e Sá. Ao iniciar-se o novo século, surgiram no município de Maranguape mais dois grupos: o Grupo Espírita Verdade e Luz (1901), sob a direção de Arthúnio Vieira e sua esposa, a escritora, abolicionista e precursora do movimento feminista no Ceará, Emília de Freitas. Editaram um jornal espírita, denominado Luz e Fé.

Em 1902 nascia o Grupo Espírita Caridade e Luz, que manteve o jornal Doutrina de Jesus e a Escola Cristã. (Silva, 2009, p.4-5)

Mas, o impulso organizador espírita local ganharia fôlego com a chegada do espírita cearense Manuel Viana de Carvalho (1874-1926)⁷, também capitão do exército e maçom, em 1910. Viana fez conferências espíritas nas lojas maçônicas Igualdade e Liberdade, publicou as conferências nos jornais locais *A República* e *Unitário*, e fundaria os jornais *O Combate* (1910) e *O Lábaro* (1911). Mas o corolário de empreendimento seria a fundação do Centro Espírita Cearense, em 6 de junho de 1910, como delegado da FEB.

Um novo surto de crescimento espírita se daria na década de 1920, com o Centro Espírita Dias da Cruz (1923), em Iguatu; o Centro Espírita Ismael Caridade e Luz (1926), Centro Espírita Vianna de Carvalho (1926), Sociedade Espírita Fé, Esperança e Caridade (1927), Grupo Espírita Auxiliadores dos Pobres (1928), Grupo Espírita de Caridade Urubatan de Deus (1928), todos em Fortaleza. Já nesse processo de expansão, despontam nomes que estarão na liderança do grupo de oposição ao Centro Espírita Cearense, como José Borges dos Santos, Manuel Coelho da Silva, Antônio Izaias de Jesus, Manuel Félix Moura Amazonas, Antônio Alves Linhares, Secundino Passos, criando centros espíritas a partir da base, o Auxiliador dos Pobres.

Klein Filho (2000), nas biografias desses espíritas citados, informa que eram participantes e diretores da Confederação Espírita Cearense (1939-1950), assim como aponta nomes de Manoel Soares da Cunha, Cândido Meireles, Teodoro Cabral, por exemplo, como integrantes da Federação Espírita Cearense (1931-1950). E, ao biografar José Borges dos Santos, adianta que este presidira a Confederação até 1950, por ocasião da passagem da Caravana da Fraternidade no Ceará. Com o “acordo estabelecido entre a Confederação Espírita Cearense e a Federação Espírita Cearense, criou-se a União Espírita Cearense, sendo José Borges aclamado seu presidente, em 1951.” (Klein Filho, 2000, p.74). Todavia, o autor não explica as razões da existência simultânea de duas federações espíritas no Ceará, e por tanto tempo.

Assim, naquele final dos anos 1920, acirravam-se as posições na disputa pela liderança do movimento espírita cearense, repercutindo localmente a oposição à FEB levada a efeito pela Liga Espírita do Brasil (LEB), fundada em 1926, e algumas federativas estaduais. Estava em questão o centralismo da FEB e do seu Conselho Federativo Nacional, sua adoção oficial das obras de J. B. Roustaing e proposições de um Espiritismo laico, dentre outras questões. (ARRIBAS, 2017). No caso dos grupos opostos locais, não ficam explícitas, nas obras analisadas, registros da imprensa local, ou no órgão *A Voz do Alto*, as diferenças de entendimento doutrinário presentes nos grandes embates nacionais entre FEB, federações estaduais e LEB.

Desse modo, o quadro de expansão e oposição no movimento espírita no início dos anos 1930, levou o grupo vinculado ao GEAP à intenção de transformá-lo em uma Federação. Diante

⁷ Vianna de Carvalho ingressa na Escola Militar do Ceará em 1891; nesse mesmo ano cria, com colegas, a revista *Evolução*, de “crítica, literária e científica”. Em 1894, participa da fundação e das atividades do Centro Literário de Fortaleza, reunindo nomes como Juvenal Galeno, Rodolfo Teófilo, Farias Brito, dentre outros. Quando esteve em Porto Alegre - RS, de 1896-1897, fundou um Centro Literário, em 1897, envidando esforços, com os pares, para reerguimento do tradicional Partenon Literário, daquela capital e, em 1898, publicou o livro de contos “Facetas”. Lá, também, trona-se maçom, iniciado Loja Estrela de Jerusalém, fundada naquele mesmo de 1896, além de atuar no movimento espírita local fundando um grupo de estudos com os membros da Sociedade Espírita Allan Kardec, de Porto Alegre. Em suas atividades militares pelo Brasil, Viana de Carvalho promovera eventos, conferências e fundara diversos centros espíritas. Essas atividades lhe renderam o renome de maior orador espírita do Brasil (Wantuil, 1969).

do ambientepositor crescente, os membros do Centro Espírita Cearense, antecipam-se transformando-o em Federação Espírita Cearense, em 17 de maio de 1931, continuando como representante da FEB no estado.

Os membros do GEAP, por sua vez, vão intensificar seus trabalhos de arregimentação com uma quantidade considerável de casas espíritas sendo fundadas na capital e no interior,⁸ de modo que também realizam seu projeto federativo em 6 de agosto de 1939, com a fundação da Confederação Espírita Cearense, obtendo filiação à LEB em 12 de julho de 1942.

Segundo a “CRONOLOGIA ILUSTRADA DO GEAP -1930-1939”, há uma situação de atrito entre o GEAP e a Federação Espírita Cearense - antigo Centro Espírita Cearense⁹: “Em outubro de 1928 o Grupo Espírita Auxiliadores dos Pobres solicita e é concedida a sua filiação a FEB, revogada nos anos 30 com o surgimento da Federação Espírita Cearense fundada pelos integrantes do Centro Espírita Cearense.” (SANTOS, 2013)¹⁰ Acirram-se os ânimos no grupo no sentido de criar sua federativa.

Assim, “Conforme Atas do GEAP de 1939”:

Em decorrência de o Centro Espírita Cearense tomar a frente da ideia já esposada pelo GEAP e que se intitulou Federação Espírita Cearense, em 1939 a direção do GEAP decidiu organizar a **Confederação Espírita Cearense**, novel entidade que instalaria sua administração na sede do GEAP e tendo como seu presidente o mesmo do GEAP, que acumularia as funções de gestor em âmbito interno das atividades de Casa Espírita e externo das atividades relativas ao movimento espírita. Convém, entretanto ressaltar, que ambas as casas Confederação e Federação mantiveram um estreito contato em clima de respeito mútuo e com elevado espírito de fraternidade. (SANTOS, 2013. Grifo do autor)¹¹

Em 1 de março de 1948, a Confederação lançaria seu órgão oficial, o citado quinzenário *A Voz do Alto*. O órgão tinha como Diretor Antônio Izaias de Jesus e como Diretor Comercial, An-

⁸ Além dos centros já citados, um lista que não pretende ser completa pode dar uma ideia dessa expansão: Centro Espírita Amor e Caridade (1932), Liga Espírita Leon Diniz Amor e Fraternidade (1933), Grupo Espírita Allan Kardec Amor e Caridade (1933), Centro Espírita Bezerra de Menezes (1933), Centro Espírita Ao Caminho do Calvário (1933), Grupo Espírita José Bonifácio Deus e Caridade (1934), Centro Espírita Pedro o Apóstolo de Jesus (1935), Centro Espírita Deus e Fé (1935), Centro Espírita Jesus Nazareno (1935), Centro Espírita Joana D’Arc (1938), Centro Espírita Familiar Paulo Apóstolo (1939), Centro Espírita João Batista (1940), Centro Espírita Camilo Flamarion (1940), Centro Espírita Jesus Nosso Mestre (1941), Centro Espírita União e Caridade Francisco de Assis (1941), Centro Espírita “Os seguidores de Jesus” (1942), Centro Esp. João Evangelista Amor e Caridade (1942), Centro Espírita Jesus e sua Doutrina (1944), Centro Espírita Mensageiros da Luz (1944) Maranguape-Ce, Centro Espírita Obreiros da Vida Eterna (1944) Maranguape-Ce, Centro Espírita Ubaldo Tonar (1945) Icó-Ce, Centro Espírita Humberto Campos (1946) Quixadá-Ce, Centro Espírita Rodolfo Teófilo (1948) Russas-Ce.

⁹ Voltaria a se chamar Centro Espírita Cearense após 1951, quando da extinção da referida Federação, em virtude da unificação do movimento, no Pacto Aureo, que originou a União Espírita Cearense. Em 1974, sob o comando de Bemvindo Melo, passaria a se chamar Comunhão Espírita Cearense, à qual se fundiu o Centro Espírita Memei, de fundação recente. A Comunhão Espírita se tornaria o núcleo de organização da oposição que fundaria a FEEC, em 1990. Note-se o termo “Comunhão”, que bem pode indicar subliminarmente novo lugar de arregimentação, semelhante ao de “União”.

¹⁰ Disponível em: <https://useece.blogspot.com/2013/04/nasce-o-movimento-federativo-estadual.html>. Acesso em: 24 nov. 2024

¹¹ Disponível em: <https://useece.blogspot.com/2013/04/nasce-o-movimento-federativo-estadual.html>. Acesso em: 24 nov. 2024 (Grifo do autor)

tônio Borges dos Santos. Na matéria “A Confederação Espírita Cearense. De onde vem e para onde vai. – O Grupo Espírita Auxiliador dos Pobres. – A Federação Espírita Cearense”, perfazem os caminhos iniciais do GEAP, apontado como célula *mater* do movimento federativo cearense, e destacando a atuação de José Borges dos Santos, presidente da entidade entre 1945 a 1951, que teve a Confederação como

uma de suas projeções no plano mental, que extrapolou o plano físico e vai para DEUS, num choque de retrocesso, deixando atrás de si as claridades do progresso, através da qual podem ser compreendidas as palavras de Jesus: ‘Eu sou o caminho a verdade e a vida’. (A VOZ DO ALTO, 1948, p. 2).

Note-se que no número de 1977 desse órgão, diz-se que os membros do GEAP é que acharam por bem transformar seu centro em órgão federativo. Assim, em 1948, no calor dos embates, a escolha por exaltar sua maior liderança parecia ser o caminho mais legítimo na disputa. E José Borges seria em muito breve no processo de unificação, o presidente da União Espírita Cearense.

Nesse mesmo texto, já ao final, refere-se o redator à entidade oposta, a Federação Espírita Cearense, “que tem sido, também, uma das colunas mestras do Espiritismo no Ceará. Oportunamente, faremos um registro pormenorizado do que tem sido a atuação da Federação Espírita Cearense”. (A Voz do Alto, 1948, p. 2). O gesto respeitoso com a entidade, legítima representante cearense perante a FEB, não esconde a estratégia de nivelamento de autoridade perante o movimento espírita da parte do grupo emergente, como se vê na expressão “também, uma das colunas mestras do Espiritismo no Ceará”.

As disputas entre os dois agrupamentos representavam, grosso modo, muito mais um capítulo das disputas por poder, representação e legitimação no movimento espírita local e nacional, em consonância com as diretrizes das entidades nacionais, do que propriamente divergências doutrinárias ou de prática espírita, como se pode ver pelos discursos em prol do “Espiritismo Evangélico” nos dois lados e pelo fato de diversos participantes manterem relações e trânsito nos dois lados em disputa. Embora, no cenário nacional, as disputas entre FEB e LEB tivessem suas divergências doutrinárias claramente expressas. (Arribas, 2017). Por fim, as duas vertentes federativas locais participaram do Pacto Aureo de unificação do Espiritismo brasileiro, fundindo-se em 1951, para dar origem à União Espírita Cearense, que ficaria sob a presidência de José Borges dos Santos até 1964.

Um detalhe importante nesse “trabalho de enquadramento” da memória (Pollak, 1989) pelo grupo do GEAP, é ocultação pelo seu órgão de imprensa das razões das disputas acima citadas que durariam até 1951, ao alegarem apenas que a Confederação “sofreu nova transformação passando-se a denominar-se União Espírita Cearense” (A Voz do Alto, 1977, p.4).

O impulso memorial da USEECE e a (nova) memória federativa da FEEC

Esse percurso histórico sobre as fontes espíritas produzidas pelo grupo ligado ao GEAP e UEC, ao longo do século XX, tem sua importância para nossa reflexão à medida que tal grupo, que se manteve orgânica e familiarmente unido, perderia o controle hegemônico sobre o movimento espírita cearense no início da década de 1990, já sofrendo oposições nas décadas de 1960 e 1970, mas que começou a ser duramente questionada na década de 1980. Esse processo de

crise e reorganização federativa no Ceará espírita, entre esses dois seguimentos, daria origem a duas novas entidades federativas, conforme descreve Silva (2023):

em 1990 é fundada a Federação Espírita do Estado do Ceará (FEEC), sob a tutela da Federação Espírita Brasileira – FEB. A FEEC foi sediada na Comunhão Espírita Cearense – surgida da fusão do antigo Centro Espírita Cearense com o Centro Espírita Meimei, em 1974 –, sob as lideranças de Benvindo da Costa Melo e Ari Bezerra Leite. O grupo anterior, dirigente da União Espírita Cearense-UEC, organização federativa que representava o Ceará na FEB, fora descredenciado pelo Conselho Federativo Nacional-CFN da FEB. Em 1993, fundaria outra entidade, a União das Sociedades Espíritas do Estado do Ceará-USEECE, por sua vez filiada à Confederação Espírita Panamericana – CEPA. (p. 7)

Na versão oficial da FEEC, pelas palavras de Benvindo Melo:

A ideia da Federação nasceu em 30 de junho de 1990, quando o vice-presidente da federação Espírita Brasileira (FEB) NESTOR JOÃO MAZOTI, veia a Fortaleza e mostrou-me um ofício do conselho federativo nacional comunicando ao presidente da União Espírita cearense que ela estava excluída daquele Conselho. O Ceará estava, assim, fora do movimento espírita brasileiro. Pedi àquele confrade que comunicasse o fato ao coronel ANTONIO ALFREDO DE SOUZA MONTEIRO e ao irmão FRANCISCO CASTRO DE SOUZA e firmei com ele (Nestor) o compromisso de vir a criar uma entidade que congregasse todas as Casas Espíritas do Ceará. Aí, convidamos os presidentes das forças propulsoras do movimento para se juntarem a nós nessa empreitada (*Apud* BRASILEIRO, 2001, p.138. Grifo do autor).

Contudo, pode-se destacar para o interesse deste trabalho, o grande empreendimento de cunho memorial realizado na Federação Espírita do Estado do Ceará (FEEC), com o respaldo nacional da FEB, por meio de um grupo de membros, com destaque para Luciano Klein Filho. Este comandaria a instituição e seria autor de diversas obras sobre a história do Espiritismo no Ceará e sobre personagens nacionalmente renomados nesse campo, como detalha Silva (2023):

Luciano Klein Filho¹² fez parte, desde a década de 1980, do centro espírita Comunhão Espírita Cearense, herdeiro do tradicional Centro Espírita Cearense (1910), uma das entidades formadoras do grupo oposicionista à citada União Espírita Cearense, e participante dos quadros da FEEC, desde sua fundação; ocupou por diversas vezes nos últimos anos a presidência e vice-presidência da instituição, destacando-se mais pelo trabalho de construção de uma memória do Espiritismo no Ceará. Nesse campo, encetou relações e pesquisas das quais resultariam publicações diversas, especialmente livros biográficos, com destaque para Vianna de Carvalho e Bezerra de Menezes (...) Outras iniciativas intelectuais do grupo, também com destacada atuação de Klein Filho e fortemente ligada ao trabalho memorialístico espírita local, encontram-se na criação do Centro de Documentação Espírita do Ceará, e as publicações dos periódicos Ceará Espírita (1991), Fortaleza Espírita (1996-1997), Gazeta Espírita (1999) (p. 8).

Os trabalhos de Klein Filho têm por base a pesquisa documental das origens do movimento espírita local, produção de biografias de lideranças espíritas, algumas delas já citadas nesse

¹² Luciano Pinheiro Klein Filho é natural de Fortaleza-CE, nascido em 2 de fevereiro de 1964. É bacharel em Administração, licenciado em História pela Universidade Estadual do Ceará e Especialista em História pela Universidade Federal do Ceará. É professor de História do Colégio Militar de Fortaleza, e sócio efetivo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), desde março de 2015.

texto, como também a atuação administrativa, com uma visão institucional fortemente aliada aos ditames do espiritismo febiano. Seus trabalhos trouxeram uma narrativa inaugural do Espiritismo no Ceará, destacando o papel pioneiro do Centro Espírita Cearense (1910), e seu grande idealizador e fundador, o cearense Manuel Viana de Carvalho, conforme apresentara em diversos trabalhos, especialmente em Klein Filho (1996) e (1999).¹³

Assim, a FEEC, tendo a liderança de Klein Filho como “voz autorizada” (BOURDIEU, 2008), desenvolveu ostensivo trabalho memorialístico, ensejando uma interpretação do passado espírita cearense em que se ocultam os embates acima referidos, o caráter opositor do seguimento ligado ao GEAP e UCE, sustentando uma postura diplomática que pressupôs que todos os líderes espíritas do passado trabalharam de mãos dadas e em harmonia de visão.

Já a vertente que organizou a outra federativa (USEECE), não realizara o trabalho intelectual e memorialístico intenso e de cunho público como a FEEC. Contudo, ao completar dez anos de existência, a USEECE lança em 2013 seu blog na internet,¹⁴ da autoria de André Luiz Bezerra Borges dos Santos.¹⁵ Trata-se de um trabalho histórico-cronológico, que disponibiliza uma narrativa e aporta partes de documentos diversos como atas, estatutos, fotografias, e faz larga utilização da citada obra de Luciano Klein, *Memórias do Espiritismo no Ceará*. Nele consta uma outra leitura dos primórdios do Espiritismo no Ceará, como por exemplo:

1910. Viana de Carvalho juntamente com **Theodorico Barroso** e outros idealistas fundam o **Centro Espírita Cearense** no dia 19 de junho cuja sessão solene ocorreu no palacete da Fênix Caixerai. E que: “Neste mesmo ano, se inicia através dos jornais “O Unitário”, “A República” e “Jornal do Ceará”, vivas polêmicas, refutado por Viana de Carvalho de todos os argumentos infundados sobre o Espiritismo. (SANTOS, 2013. Grifos do autor)¹⁶

Contudo, a narrativa da federativa espírita opositora da FEEC, põe em destaque o ano de

1928. Fundação do **Grupo Espírita Auxiliadores dos Pobres - GEAP** no dia 26 de julho na residência de **Antônio Alves de Linhares** no bairro Joaquim Távora na Praça da Escola Normal, em local situado nos fundos de uma residência”. No dia 14 de outubro a Assembleia Geral do GEAP aprovou o seu 1º Estatuto elaborado por uma comissão organizadora constituída por: **Paulino Moraes**, Antônio Alves de Linhares e Manuel Co-

¹³ Posteriormente, Klein Filho traria à tona informações sobre um centro espírita que teria sido o primeiro a ser registrado no Ceará, o já citado Grupo Espírita Fé e Caridade (1897), em Fortaleza. De pouca duração, o destaque ficaria para o CEC, de 1910.

¹⁴ A utilização de “documento digital” segue, aqui, a orientação de Almeida (2022), de que podem ser classificados em “não primários” e “primários”. Os primeiros são divididos em “exclusivos” – materiais originais disponibilizados em formato digital (ex. o jornal *A voz do Alto*), e os “digitalizados”, geralmente oriundos de suportes físicos como o papel (ex. os textos constantes no site da USEECE que têm origem nas atas da instituição, segundo o redator). Os primários consistem em materiais que tem sua origem na produção digital. Como alerta o autor, apesar das diferenças, “via de regra, o historiador não deve se deparar com desafios metodológicos substancialmente diferentes daqueles encontrados no trabalho com documentos tradicionais” (p.108-110).

¹⁵ André Luiz Bezerra Borges dos Santos, filho de Orlando Borges dos Santos, neto de José Borges dos Santos. Tem sido por diversas vezes presidente do Grupo Espírita Auxiliadores dos Pobres, e presidiu a USEECE de 2020 a 2022.

¹⁶ Disponível em: <https://useece.blogspot.com/2013/01/as-primeiras-decadas-do-espiritismo.html>. Acesso em 11 jun. 2024. Grifo do autor.

elho da Silva. No mesmo mês de outubro o GEAP é filiado a Federação Espírita Brasileira (Santos, 2013. Grifos do autor).¹⁷

Nota-se um claro distanciamento do narrador para com a existência do Centro Espírita Cearense e uma atenção especial ao GEAP, aos seus fundadores, sua filiação à FEB e desdobramentos do seu trabalho de organização e fundação de outros centros, tendo como protagonistas os presidentes e membros do GEAP, sobretudo a partir de 1931. Por seu turno, naquele ano de 1931, o Centro Espírita Cearense havia se transformado em Federação Espírita Cearense, filiada à FEB.

A expansão organizativa do GEAP levaria esse grupo à fundação da Confederação Espírita Cearense, em 1939, que se filiaria à LEB. Desse modo, o trabalho de memória do grupo da USEE-CE afirma o pioneirismo e protagonismo organizativo do GEAP no campo espírita cearense.

A observação dessa iniciativa da USEECE no campo da memória, nos leva a considerar que houve uma repercussão no lado da FEEC, exigindo um reposicionamento no campo da memória histórica espírita local; uma guinada interpretativa que pode ser vista anos depois na fala de Luciano Klein, em uma conferência de 2019, quando estabelece um novo sentido à fundação do Centro Espírita Cearense.

Observa-se que nos primeiros escritos de Klein, a exemplo do artigo “O Espiritismo na Terra da Luz”, na revista *Fortaleza Espírita* (1996), o autor denomina o referido centro de 1910 como “o primeiro grupo espiritista legalmente constituído de nosso Estado”. (p. 23) E mais adiante, cita trecho da conferência de Vianna de Carvalho constante na ata de fundação do CEC, em que Viana lamenta:

O Ceará, onde têm surtido os mais belos empreendimentos, ainda não se apercebesse da necessidade imperiosa de *organizar um centro espírita*, enquanto em outros estados, mesmo os mais longínquos, o Espiritismo têm sulcado profundo a sua ação benéfica pela profusão (...) Disse mais, que era em nome da Federação Espírita Brasileira que assim falava e pediu ao Sr. Presidente que em nome daquela conspícua corporação, declarasse fundado nesta capital o Centro Espírita Cearense (Klein Filho, 1996, p. 24. Grifo nosso).

E acrescenta Klein Filho (1996, p. 24): “A partida de Vianna arrefeceu um pouco os ânimos de alguns lidadores. Todavia, as sementes já haviam sido plantadas para em breve germinarem.” Seguiram-se, na década de 1920, as fundações de núcleos espíritas familiares. Em 1926 surgiu o Centro Espírita Ismael Caridade e Luz. Em 1927, o Grupo Espírita Fé, Esperança e Caridade e o Grupo Espírita Auxiliadores dos Pobres em 1928.

Anos depois, na biografia de Vianna de Carvalho (1999), o autor também não faz menção direta ou ilação a respeito do papel de federativa ou centro organizador de outros centros espíritas locais da parte do CEC. Há, sim, menção aos tipos de trabalhos que o Centro desenvolveria, como propaganda espírita, doutrinária, estudos, atendimento espiritual. O autor apenas destaca, no discurso de Viana de Carvalho, no ato de fundação do Centro Espírita Cearense, o momento em que o orador afirma ali estava “em nome da Federação Espírita Brasileira.” (Klein, 1999, p.126). Porém, essa era uma prática de Vianna em diversos estados brasileiros, a de dar

¹⁷ Disponível em: <https://useece.blogspot.com/2013/04/nasce-o-movimento-federativo-estadual.html>. Acesso em 11 jun. 2024. Grifo do autor.

conferências e fundar centros espíritas, aproveitando seu constante deslocamento pelo território nacional, em viagens como oficial do exército.

Assim, a entrada de seus opositores da USEECE no “jogo social da memória e da identidade” (Candau, 2016), ao produzirem narrativas e cronologias que apontam para uma outra origem legítima do Espiritismo cearense, que não toma o ano de 1910 e o CEC como ponto de irradiação fundamental; e ainda mais, que coloca o GEAP como propulsor de um movimento organizativo do movimento espírita local que desencadeará na fundação de uma federação concorrente, parece ter impulsionado uma operação ostensiva de reenquadramento da memória da FEEC por parte de Klein Filho, a partir de uma releitura da fundação do Centro Espírita Cearense.

Desse modo, por ocasião do Seminário de Unificação do Movimento Espírita, na sede da Federação Espírita do Estado do Ceará, em 2019, Klein Filho profere a conferência “O Pacto Áureo e o Movimento Espírita Cearense - 70 anos do Pacto Áureo”¹⁸. Ali, defende que a fundação do Centro Espírita Cearense se derá já com o intuito de ser este uma federativa estadual, com papel de “centro” articulador, promotor e organizador do movimento espírita local, com o consentimento da FEB.

Em sua fala inicial o palestrante, historiador e membro da diretoria da FEEC saúda a memória de dois baluartes do movimento espírita local, vinculando-os ao trabalho federativo:

Gostaríamos inicialmente de fazer duas saudações: a primeira delas ao queridíssimo e saudoso confrade Benvindo da Costa Melo, primeiro presidente da Federação Espírita do Estado do Ceará, e que foi o grande idealizador desse projeto, o Seminário de Unificação do Movimento Espírita Cearense (...) E a outra saudação nós fazemos ao *grande articulador e pioneiro do trabalho federativo no estado do Ceará, a glória da oratória espírita no Brasil até a metade do século passado, Manoel Viana de Carvalho*, cearense de Icó, cuja vida lamentavelmente ainda é desconhecida de muitos de seus conterrâneos que, com labor incansável ensinou para nós a *fundação, no dia 19 de junho de 1910, da primeira entidade federativa do estado do Ceará*, a qual por inspiração da federação Espírita Brasileira, em seu tempo, ele deu o nome de Centro Espírita Cearense, neste espaço [pausa palmas do público] que ora nos abriga. (Klein Filho, 2019. Grifo nosso)

O citado Benvindo da Costa Melo (1927-2001), fora uma importante liderança no trabalho espírita e de mobilização no Ceará desde o início da década de 1970. Baiano de nascimento, auditor da Receita Federal, estabeleceu-se em Fortaleza em 1970. Em 1973 fundou o Clube do Livro Espírita de Fortaleza (CLEF) e uma livraria espírita no centro da cidade. (Brasileiro, 2001) Sua atuação esteve vinculada a um projeto de “renovação” alternativo à União Espírita Cearense, de tal modo que estaria na presidência da FEEC de 1991 a 1998. Nesse aspecto sua menção é justa na ocasião em que se discute unificação do movimento espírita local como parte de uma luta oposicionista vitoriosa. Outra coisa é a vinculação de Viana de Carvalho e a fundação do Centro Espírita Cearense como uma entidade federativa, em 1910. A afirmativa contradiz o palestrante quando se considera suas publicações anteriores, como citado. Portanto, não se teve a apresentação de novas descobertas documentais que pudessem amparar a nova interpretação. Resta entender o novo posicionamento nos quadros da assertiva de Pollak (1992), de que “*a memória*

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hb1VjTWI0MI>. A conferência fez parte da programação do 21º Seminário de Unificação Espírita do Estado do Ceará, no dia no dia 6 de julho de 2019. Acesso em: 10 jul. 2024.

e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos.” (p. 5. Grifo do autor)

O palestrante também apresenta ao público sua carta de autoridade intelectual, no caso de historiador e de pesquisador da história do Espiritismo local, ao partilhar com os presentes as angústias e dificuldades de pesquisar a história e o pouco reconhecimento e ignorância pública sobre esse ofício.

Queremos, também, pedir a devida paciência, a necessária e imprescindível tolerância dos irmãos para com a exposição, tendo em vista que *nem sempre as exposições de cunho histórico, elas são interessantes ou prendem a atenção, mas é o resultado das nossas buscas, do nosso esforço, de um trabalho que fazemos há mais de duas décadas por amor à causa espírita*. E sempre dizemos, é um trabalho de cavaleiro solitário, porque não se valoriza muito, e quem vive nas suas respectivas casas espíritas sabe disso, a história, com as exceções, evidentemente, das nossas instituições e do nosso movimento espírita, particularmente do nosso estado do Ceará. Por isso, agradecemos à comissão organizadora desta versão, desta edição do nosso seminário de unificação, pela sugestão, *aproveitando a grande efeméride da celebração dos 70 anos do Pacto Aureo, para que pudéssemos fazer, também, com ele a relação com a trajetória histórica do movimento espírita cearense, que poucos espíritas conhecem”* (Klein Filho, 2019. Grifo do nosso).

Assim, essa recomposição da identidade do Centro Espírita Cearense promovida por Klein Filho (2019), colocando a instituição no patamar de centro federativo desde sua origem, em contradição com a própria documentação até então utilizada, só passa a ter sentido ao considerar-se o embate político com as armas da memória que se estabeleceu a partir do momento em que a entidade federativa concorrente (USEECE) se pôs, também, ao trabalho de construir sua própria memória histórica, chamando para si o marco da fundação do movimento federativo espírita cearense na fundação do Grupo Espírita Auxiliador dos Pobres em 1928.

Considerações finais

Desse modo, o presente trabalho procurou atestar no contexto das últimas três décadas de história do Espiritismo no Ceará, os modos como procederam seus agentes federativos no tocante as suas legitimações históricas nos espaços interno e externo ao campo religioso espírita.

Em primeiro lugar, como estabelecido no início, demonstrando nas fontes diversas os mecanismos de ocultação ou suavização de tensões e cisões que venham a manchar suas imagens religiosas e constituir imagens mundanas de campos de disputas de poder. Nesse aspecto, a despeito das justificativas que exaltam a diplomacia e a indulgência para com seus pares oponentes em seus escritos memorialísticos ou narrativas com pretensões historiográficas, constata-se nas fontes citadas as lacunas e interdições que atestam os momentos de conflito e recomposições dos grupos de poder.

Em segundo lugar, por um lado, observou-se a partir da federativa FEEC o desenvolvimento de projetos editoriais e intelectuais com claros objetivos de demarcação das memórias vencedoras e de marcos memoriais das origens como o Centro Espírita Cearense-CEC, que serviram de elementos de legitimação no campo espírita e no campo religioso em geral, tendo, por outro lado, com a distância de uma década, a reação da direção da USEEC na implementação de um projeto memorial, via internet, que se justapõe ao da FEEC, determinando dentre outras coisas

que o núcleo originário de organização e unificação do movimento federativo espírita cearense deve ser reconhecido na fundação do Grupo Espírita Auxiliadores dos Pobres-GEAP e seus desdobramentos na Confederação Espírita Cearense, União Espírita Cearense.

Por fim, os recursos à memória e à construção de narrativas sobre a história do Espiritismo no Ceará vão muito além do “resgate” do passado para fins diletantes, reconhecimento dos pioneiros ou para reforço da devoção aos luminares espíritas. São operações que engendram teias ocultas entre os fastos da memória e os projetos identitários presentes de legitimação e reforço de poder dos respectivos grupos em disputa.

REFERÊNCIAS

Fontes

A VOZ DO ALTO. Julho de 1977. Ano XXVIII, n. 24 (Nova Fase)

A VOZ DO ALTO. Março de 1948. Ano I, n. 1.

BRASILEIRO, Núbia. **Benvindo à luz do espiritismo**. A história de Benvindo da Costa Melo. Sem ser rico ou famoso, ele se tornou grande aos olhos dos homens e de Deus. São Paulo: DPL, 2001.

KLEIN FILHO, Luciano. 21º Seminário de Unificação Espírita do Estado do Ceará. **YOUTUBE**. 6 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hb1VjTWI0MI>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SANTOS, André Luís Bezerra Borges dos. A primeira década do Espiritismo cearense no século XX. **USEECE.BLOGSPOT.COM**. 16 jan. 2013. Disponível em: <https://useece.blogspot.com/2013/01/as-primeiras-decadas-do-espiritismo.html>. Acesso em 11 jun. 2024

SANTOS, André Luís Bezerra Borges dos. Nasce o Movimento Espírita Federativo Estadual no Ceará. **USEECE.BLOGSPOT.COM**. 30 abr. 2013. Disponível em: <https://useece.blogspot.com/2013/04/nasce-o-movimento-federativo-estadual.html>. Acesso em 11 jun. 2024.

SANTOS, André Luís Bezerra Borges dos. OS ANOS 20, A DÉCADA DO GEAP. **USEECE.BLOGSPOT.COM**. 19 jan. 2013. Disponível em: <https://useece.blogspot.com/2013/01/os-anos-20-decada-do-geap.html>. Acesso em 23 nov. 2024.

Bibliografia

ABREU, Canuto. **Bezerra de Menezes: subsídios para a história do espiritismo no Brasil até o ano de 1895**. São Paulo: Edições FEESP, 1991.

AMORIM, Pedro Paulo. **As tensões no campo espírita brasileiro em tempos de afirmação (Primeira metade do século XX)**. Tese (Tese em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017.

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre a França e o Brasil**. Maceió: EdUFAL, 2009.

ALMEIDA, Fábio Chang de. Internet, fontes digitais e pesquisa histórica. BARROS, José D'Assunção. (Org.) **História Digital**. A Historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022, p.101-119.

ARRIBAS, Célia. Espíritas de todo o Brasil, uni-vos! Meandros da unificação espírita na primeira metade do século XX. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, 37(3): 150-172, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/gv6ZgtCmqMFdtG-cSynQTynx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 de set. 2021.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**. Formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (Res) sentimento**. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 2008.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

DAMAZIO, Sylvia. (1994), **Da elite ao povo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

HALBWCHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

JOUTARD, Philippe. Reconciliar História e Memória? **Revista Escritos**. Ano 01, n° 01, 2017, p. 223-235. Disponível em: http://escritos.rb.gov.br/numero01/FCRB_Escritos_1_9_Philippe_Joutard.pdf. Acesso em: 27 set. 2024.

KLEIN, Luciano. O Espiritismo na Terra da Luz. **Fortaleza Espírita**. Fortaleza. Ano 1, nº1, 1996, p. 20-24.

KLEIN FILHO, Luciano. **Vianna de Carvalho**. O tribuno de Icó. Niterói: Lachâtre, 1999.

KLEIN FILHO, Luciano. **Memórias do espiritismo no Ceará**: as vidas de grandes vultos a sua contribuição para a grandeza da Seara espírita. Fortaleza: DPL-Editora e Distribuidora de Livros; Centro de documentação Espírita do Ceará, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

- MARQUES, Marcos Moreira. Espiritismo entre ciência e religião no Rio de Janeiro do sec. XIX. In: GOMES, Adriana; CUNHA, André Victor Cavalcanti Seal da; PIMENTEL, Marcelo Gulão (Orgs.) **Espiritismo em perspectivas**. Salvador (BA): SAGGA, 2019, p. 95-119.
- NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, n.10, p.7-28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em: 27 set. 2024.
- MANOEL, Ivan Aparecido. História, religião e religiosidade. **Revista Brasileira de História das Religiões**. Ano I, Nº. 1, 2008, p.1-16. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/26620>.
- NORA, Pierre. Memória: da liberdade à tirania. **MUSAS**. No. 4, p.6-10, 2009. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/musas20120327.pdf>. Acesso em: 27 set. 2024.
- POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-215, 1992.
- POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 2 (3), p. 3-15, 1989.
- RIBEIRO JUNIOR, Adair. **A obra esquecida de Angeli Torteroli**. O Espiritismo no Brasil e em Portugal. São Paulo: CCDP-ECM, 2022.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SILVA, Marcos José Diniz. Catolicismo e espiritismo: dimensão conflituosa do campo religioso cearense na Primeira República **Revista Brasileira de História das Religiões**. Ano II, n. 4, mai. 2009 Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/26729/14341>. Acesso em: 27 set. 2024.
- SILVA, Marcos José Diniz. “Amigos e companheiros de Vianna”: memória e identidade espírita em disputa na biografia Vianna de Carvalho, o tribuno de Icó. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 15, n. 39, p. e0103, 2023. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180315392023e0103>. Acesso em: 21 jun. 2024.
- WANTUIL, Zeus. **Grandes espíritos do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FEB, 1969.